

pressões variadas: ao setor agrário, entre os principais, transferia parcela considerável da renda, sem aumentar a oferta de produtos dele originados; a taxa anual de crescimento desse setor — englobando o da pecuária — que se mantivera pouco abaixo de 5%, no período de 1947-1954, baixava a 4,3%, no período 1955-1960, enquanto o ritmo do crescimento industrial, que era, no primeiro dos períodos referidos, de 8,8%, ascendia para 10,4%. Ao lado da incorporação maciça de capitais estrangeiros, o Estado iniciava vastíssimo e variadíssimo plano de inversões públicas. Ao fim, a crise teria de eclodir: as exportações, com preços em declínio, não podiam atender as necessidades do país em importações nem cobrir o serviço da dívida externa; a demanda interna de produtos industriais esbarrava nas limitações do consumo, por força do mercado estreitado pelo latifúndio. Daí, decorrendo deficiência de acumulação, a indústria apelava para subsídios estatais diretos e indiretos e para o mecanismo inflacionário. Mas a agricultura de exportação, também em crise, pressionava por proteção e alcançava essa proteção, ainda à custa de emissões. Havia um limite para essa política, evidentemente. Ela não poderia, simultaneamente, financiar os setores atrasados da economia, os interesses externos e o trabalho. Este deveria ser sacrificado. A forma de sacrificá-lo era a inflação.”

As injeções sucessivas de papel moeda impulsionaram, no período 1955-1961, os preços de forma violenta: em 1959, o índice do custo de vida saltou a mais de 40%, marca máxima no século; ao mesmo tempo, a exportação de café não produzia as divisas necessárias ao atendimento das importações e do serviço da dívida. Foi necessário, nas limitações da opção planejada, recorrer ao mais velho dos remédios, o dos empréstimos externos. Eles conseguiram neutralizar, temporariamente, as conseqüências do desequilíbrio.” Tornavam mais rígida, entretanto, a estrutura de-

“Esse o sistema em que o imperialismo, o latifúndio e os empresários nacionais a eles associados encontra ainda as suas amplas possibilidades de assegurar um rendoso domínio. A manipulação de seus mecanismos, entretanto, torna-se ostensiva, já não tem condições para dissimular-se, para apresentar-se como uma fatalidade. Torna-se ostensiva porque exige, cada vez mais, que os prejuízos sejam lançados às costas do povo, entendido este não apenas como a classe trabalhadora, mas também a classe média e parte da burguesia”. (Nélson Werneck Sodré: *Formação Histórica do Brasil*, São Paulo, 7ª edição, 1971, p. 395/396).

“Praticamente, toda a receita corrente é atualmente exigida para cobrir importações de combustíveis, matérias-primas e bens intermediários, além dos serviços das dívidas, e as amortizações. Embora as indústrias básicas tenham se expandido consideravelmente na última década, o investimento agregado possui ainda um considerável conteúdo de importações, de maneira que o nível de investimento e a flexibilidade da economia só vêm sendo mantidos em conseqüência da entrada de capitais estrangeiros, como antes se observou”. (CEPAL: “A inflação no Brasil”, in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Belo Horizonte, 1962, vol. II, nº 1, p. 299/300).